

A VIDA EM RUÍNA: A CONDIÇÃO MARGINALIZADA DO SUJEITO EM “UMA HISTÓRIA INVEROSSÍMIL”, DE LUIZ RUFFATO

LIFE IN RUIN: THE MARGINALIZED CONDITION OF THE SUBJECT IN LUIZ RUFFATO'S "AN UNREAL STORY"

Natacha Gomes de Paula¹

Paulo Bungart Neto²

Resumo: O objetivo do presente estudo é analisar uma das micronarrativas presentes na obra *Flores artificiais* (2014) de Luiz Ruffato denominada “Uma história inverossímil”. Pretende-se refletir como os aspectos de sua construção espelham questões da sociedade e dos impactos dos trágicos acontecimentos da modernidade na identidade do sujeito. Esses são representados pela figura do personagem Robert Willian Clarke (apelido Bobby), que, mesmo achando-se alheio aos episódios históricos, estava desde cedo sendo atingido por eles. Fora alvo da marginalização e exclusão por precisar passar pelo processo de desenraizamento e, como consequência, encarar inúmeras experiências traumáticas que transformaram toda sua identidade. Pode-se perceber que a contemporaneidade instiga os escritores à renovação de suas formas literárias para retratar as questões sociais, incorporando esteticamente a realidade à obra e situando-a como uma força transformadora. Ruffato, atento às urgências do contexto contemporâneo trabalha com a ficcionalização do autor e com a sobreposição de pontos de vistas, ao dar espaço para que Bobby vítima das agruras da guerra e do deslocamento contribua para o testemunho do que foi o século XX e suas implicações. Nesse sentido, dá continuidade às heranças literárias do realismo, destacando novas maneiras de evocar a realidade mais do que apenas pelo “efeito” do real, mas através de procedimentos que diluem as fronteiras entre realidade e ficcionalidade. A discussão proposta fundamenta-se nos estudos de Schøllhammer (2009; 2016); Santos (2001); e Rancière (2021), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Realismo; Desenraizamento; Luiz Ruffato.

Abstract: The goal of the present study is to analyze one of the micronarratives present in *Flores artificiais* [*Artificial Flowers*] (2014) by Luiz Ruffato called “Uma história inverossímil” [“An

¹ Mestranda em Letras na Universidade Federal da Grande Dourados – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2212-3856>. E-mail: natacha_gomes10@hotmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Literatura na University College London – Inglaterra e na Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Professor Associado da Universidade Federal da Grande Dourados – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3402-0312>. E-mail: pauloneto@ufgd.edu.br

Unreal Story”]. It intends to reflect on how the aspects of its construction mirror issues of society and the impacts of the tragic events of modernity on the subject's identity. These are represented by the figure of the character Robert William Clarke (nicknamed Bobby), who, despite of being unconnected with the historical episodes, was still achieved by them. He had been the target of marginalization and exclusion for having to go through a process of uprooting and, as a consequence, face countless traumatic experiences that transformed his entire identity. The contemporaneity urges writers to renew their literary forms in order to portray social issues, aesthetically incorporating reality into the work and situating it as a transforming force. Ruffato, attentive to the urgencies of the contemporary context, works with the author's fictionalization and with the overlapping of points of view, by giving space to Bobby, victim of the hardships of war and displacement, to contribute to the testimony of what the 20th century was and its implications. In this sense, it continues the literary legacies of realism, highlighting new ways of evoking reality more than just for the "effect of the real", but through procedures that blur the boundaries between reality and fictionality. The proposed discussion is based on the studies of Schøllhammer (2009; 2016); Santos (2001); and Rancièrè (2021), among others.

Keywords: Contemporary Literature; Realism; Uprooting; Luiz Ruffato.

1 INTRODUÇÃO

Como aponta o teórico Luiz Gonzaga Motta em seu livro *Análise crítica da narrativa* (2013), é preciso estudar as narrativas por muitos motivos, inclusive para “compreender como os homens criam representações e apresentações do mundo” (MOTTA, 2013, p. 31). Através do ato de narrar, há certo encadeamento dos acontecimentos que permitem dispor certa organização à experiência e dar sentido tanto àquilo que ficou no passado quanto àquilo que o ser humano espera para o futuro. A narrativa possibilita que os olhos se voltem para determinados pontos que são mais significativos que outros. Para a construção da intriga, o indivíduo seleciona aquilo que quer dar ênfase e registrar segundo as suas prioridades. Por isso, a literatura se constitui como um meio de interrogar, representar e explicar temáticas repletas de significados e de certa complexidade.

O presente artigo se propõe a analisar um texto, o qual chamaremos de micronarrativa, intitulado “Uma história inverossímil” e presente na obra *Flores artificiais*, de Luiz Ruffato. Nela, a memória do deslocamento e as consequências desencadeadas pelo constante trânsito na era da globalização estão em primeiro plano, ao retratar a história de Robert Willian Clarke (Bobby), sujeito

comum, alvo da marginalização e da exclusão por ser obrigado a deixar suas raízes e enfrentar as mais diversas experiências traumáticas em meio a guerras e transformações urbanas desencadeadas no século XX. Tudo isso Luiz Ruffato constrói em sua narrativa através dos procedimentos que caracterizam o “novo realismo”, técnica que gradualmente foi sendo incorporada ao seu processo de escrita.

Tânia Pellegrini (2020, p.01) reflete que com as transformações sociais, tecnológicas e culturais, parece um pouco anacrônico retomar o assunto do realismo, como se fosse uma corrente literária que estivesse já bastante debatida, sendo necessário dar lugar a novos assuntos relacionados à literatura. No entanto, pondera que a relação entre a escrita e a possibilidade de representação da sociedade não se rompeu, à medida que são analisadas obras contemporâneas, visualiza-se que muitos autores têm buscado debater assuntos ligados ao contexto sem, todavia, recorrer apenas à verossimilhança descritiva de personagens e espaços na totalidade, tal como o realismo do século XVIII. Os escritores tem incorporado no texto “falas e personagens que não são mais representados literariamente, mas apropriados e incluídos em sua própria materialidade” (SCHØLLHAMMER, 2016, p.234), ou seja, hoje se constrói um incessante jogo entre leitor e autor que abre certos debates sobre os limites das fronteiras entre o que é real e o que é ficcional, visto que há uma procura por provocar efeitos de realidade que alcancem algo a mais, para além das referências textuais e que atinja a própria materialidade.

Após anos de desprezo às técnicas realistas clássicas, os novos escritores expressam o desejo de “retratar a realidade da sociedade [...] frequentemente pelos pontos de vista marginais ou periféricos” (SCHØLLHAMMER, 2009, p.53). Não buscam trazer detalhes com objetivo de alcançar uma ilusão de realidade, mas retratar os diversos aspectos da condição humana de forma que contemple as peculiaridades da sociedade contemporânea. Portanto, cabe ressaltar que não só a narrativa *Flores artificiais* (2014), mas também em outras obras, como

Eles eram muitos cavalos (2013) e *Inferno provisório* (2016), Ruffato enfatiza a história corrente de vários indivíduos de classe média baixa em sua simplicidade, mas que foram alvos das inúmeras tragédias que a modernidade e a globalização trouxeram consigo, as quais os atingiram violentamente não apenas em aspectos físicos, mas também mentais.

Nesse sentido, antes da análise propriamente dita, faz-se necessário uma breve apresentação do autor e de seu projeto literário, que estão interconectados. Buscaremos compreender várias questões que se referem à nova roupagem da literatura contemporânea, enfatizando o desdobramento do “novo realismo”, regime estético aporte de construção dessa obra específica. Tudo isso, à luz das considerações de Schøllhammer (2009) a respeito do novo realismo e da literatura contemporânea; em relação à representação de sujeito comuns, os acontecimentos triviais por muito tempo marginalizados na literatura serão abordados pelo viés teórico de Jacques Rancière (2021) e das considerações de Bosi (2002); a respeito das temáticas da modernidade e de seus conflitos refletidos na identidade do sujeito, utilizaremos as teorias de Canclini (2009) e Santos (2001), dentre outros.

2 O PROJETO LITERÁRIO DE LUIZ RUFFATO

De acordo com Luiz Ruffato, um tema recorrente nas suas obras é o desenraizamento. Assim afirma, em entrevista publicada no jornal Estado de São Paulo:

Todos os meus livros, de uma forma ou de outra, tratam de uma única questão: o desenraizamento. Este tema principal está presente em *Eles eram muitos cavalos*, está presente no *De mim já nem se lembra* [...] e está presente no projeto *Inferno provisório*. O que houve é que em *Estive em Lisboa e lembrei de você* ampliei esse olhar acompanhando o personagem, um imigrante brasileiro, no exterior. Até então, havia me dedicado a entender este processo de desenraizamento dentro do Brasil. Com *Estive em Lisboa e lembrei de você*, comecei a perfazer esse novo caminho, que em *Flores artificiais* eu aprofundo (RUFFATO, 2014).

Atento às urgências contemporâneas e acreditando no papel transformador da literatura, o potencial de suas obras é retratar as trágicas e, muitas vezes esquecidas, vivências das classes menos privilegiadas da sociedade em meio ao deslocamento espacial/social desencadeada pelos processos de modernização, chamado por ele de desenraizamento. Não o faz como escritor burguês que procura expor de forma exótica a imagem dos indivíduos, mas ao se espelhar em sua própria realidade. Advém de um local em que a leitura e a escrita não estavam presentes, é descendente de imigrantes italianos, filho de uma família simples de pequenos trabalhadores urbanos, a mãe analfabeta e o pai semianalfabeto, também migrantes.

Luiz Ruffato, dessa forma, com olhar voltado à realidade dos menos privilegiados, procura assegurar o não esquecimento desses sujeitos que correm o risco de cair no anonimato. Em depoimento publicado no site da editora Olho de Vidro, em 2018, chamado “Até aqui, tudo bem!”, o escritor afirma que, a partir da análise de um de seus porta-retratos, sente-se inspirado a escolher o eixo principal de seu projeto estético:

Uma fotografia embaçada registra uma estranha composição [...] o menino surge de corpo inteiro, mas os outros três personagens são inidentificáveis – falta-lhes o rosto, página em branco onde se imprime nossa individualidade, nossa singularidade, nossa história, enfim. *Todo o meu esforço como escritor tem sido o de tentar recompor essa imagem.* O menino, identifico-o, sou eu, aos cinco ou seis anos de idade. Mas quem são os outros três personagens que, numa tarde de inverno para sempre perdida, imobilizaram-se para o olhar amador de alguém por detrás da máquina fotográfica? Quais são seus nomes, de onde vieram, onde estarão agora, o que fizeram de suas vidas, foram felizes? Do menino, sei eu – e, curiosamente, é o que menos importa. *Mas, e todos aqueles que sucumbiram, sem voz e sem nome, e que a História registrará apenas nas lápides de humildes cemitérios que a borracha do tempo apagará?* E os outros, que nem mesmo a morte resgatará do anonimato? (RUFFATO, 2018; grifos meus).

O seu objetivo é voltar o seu olhar para os anônimos da história, personagens simples que, em sua particularidade, representam uma grande parcela da sociedade, aqueles que no decurso dos dias sofreram arduamente as

desenfreadas mudanças sociais, essencialmente as que ocorreram a partir da década de 1930 no mundo todo. Realiza tal empreendimento no sentido de que:

Não para ver o mundo de um só lugar da contradição, mas para compreender sua estrutura atual e sua dinâmica possível. Nesse sentido, as utopias de mudança e justiça podem articular-se [...] como estímulo para indagar sob quais condições (reais) o real pode deixar de ser a repetição da desigualdade e da discriminação, para converter-se em cenário de reconhecimento dos outros (CANCLINI, 2009, p. 207).

É preciso retomar as vivências passadas para compreender a atualidade, não há como trazê-la em sua integridade, por isso, a literatura, como meio de resgatar a memória, desempenha um papel importante de revisitação e um meio de ressignificar a experiência, a fim de evitar possíveis repetições de desastrosas atitudes que impactam a condição humana. Diante disso, percebe-se que o autor está em consonância com o pensamento de Alfredo Bosi em “A escrita e os excluídos”, ensaio publicado no livro *Literatura e resistência* (2002), em que o ensaísta descreve e analisa a presença do excluído na literatura:

Há pelo menos duas maneiras de considerar a relação entre a escrita e os excluídos. A primeira [...] consiste em ver o excluído social ou marginalizado como objeto da escrita [...]. Há uma segunda maneira de lidar com a relação entre o excluído e a escrita. Em vez de tomar a figura do homem sem letras como objeto, procura-se entender o polo oposto: *o excluído enquanto sujeito do processo simbólico* (BOSI, 2002, p. 257-259; grifos do autor).

Luiz Ruffato atua nessas duas frentes, como ator do processo simbólico e, a partir de suas publicações, toma o sujeito marginalizado como objeto de sua escrita. Por sua condição social, passou a atuar no processo simbólico, principalmente depois de sua primeira experiência de leitura, aos 12 anos, pôde finalmente conhecer o mundo dos livros até então distante da sua realidade e, posteriormente, não cessou até alcançar a sua condição atual, de escritor que vive de literatura e busca usá-la como mecanismo para promover reflexões sobre a sociedade. Bosi afirma o seguinte, após sua experiência com um grupo de operários da periferia de São Paulo, em 1970:

[...] tomei consciência de que os excluídos do “milagre econômico” [...] ansiavam, em primeiro lugar, pelo acesso ao conhecimento. E mediante o conhecimento, ter vez e voz em um mundo que se fecha para os que não conseguiram transpor o limiar da escrita (BOSI, 2002, p. 263).

Aqueles que não faziam parte da camada social que se beneficiariam com a urbanização acelerada, lutavam para conseguir uma única coisa que lhes garantiria um futuro melhor, o conhecimento. Os pais de Luiz Ruffato, ao perceberem que a situação do país, nas décadas de 1950 e 60, era muito instável para os que viviam da agricultura de subsistência, não tiveram outra saída a não ser ir em busca de melhores condições na cidade e garantir a educação para seus filhos, tornando-se exemplo de uma geração que passou pelo processo do desenraizamento. Promissores em seu objetivo, conseguiram encaminhá-los para a escola, para garantir um diploma de especialização ao menos para trabalhar na indústria, o que não imaginavam era que a literatura iria mudar os rumos da vida de um deles. E, como escritor, Ruffato se posiciona da seguinte maneira, no texto “Até aqui, tudo bem!”:

Importa-me estudar o impacto das mudanças objetivas (a troca do espaço amplo pela exiguidade, a economia de subsistência pelo salário, etc.) na subjetividade dos personagens. Erigir essa interpenetração da História com as histórias, acompanhar a transformação do país pelos olhos de quem a realiza sem o saber, eis minha proposta (RUFFATO, 2018).

Por conseguinte, percebe-se que, ao decidir a principal temática de suas obras, o autor dá continuidade ao processo de democratização da literatura pontuado primeiramente por Auerbach (1971) e, posteriormente, por Rancièrre (2021), os quais perceberam que o romance aos poucos alterou os processos para alcançar o efeito de realidade, ao trazer para o centro da narrativa personagens de camadas mais baixas, o que revelava uma nova sensibilidade desenvolvida no romance.

Em *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (1971), de Erich Auerbach, o autor traz o percurso das modificações das características que fundamentavam a ficção através de vários exemplos literários. De acordo com ele, a partir de Stendhal, Balzac e, principalmente, de Flaubert, é que as particularidades dos acontecimentos mais cotidianos e as personagens mais humildes passam a protagonizar a ficção “séria” e fazer parte da base do realismo moderno.

A razão ficcional clássica, de acordo com Rancière (2021) e postulada por Aristóteles em sua *Poética*, possui como principal característica a construção de ficções encadeadas por um mecanismo de causas e consequências, em que são privilegiados os grandes acontecimentos, protagonizados por heróis, pessoas de alta classe, etc. personagens que agiam e logo esperavam algo de suas ações. Pode-se pensar que existiam muitos tipos que poderiam ser protagonistas das narrativas, mas conforme o teórico, era outro o cenário:

Admitia-se que então o número desses sujeitos é restrito, pois propriamente falando, a maioria dos humanos não age – fabrica objetos ou filhos, executa ordens ou presta serviços e recomeça no dia seguinte aquilo que fez na véspera. Em tudo isso não há nenhuma expectativa e nenhuma inversão das expectativas, nenhum erro a cometer que possa fazer alguém passar de uma condição à condição inversa. A racionalidade ficcional clássica dizia respeito, portanto, a uma ínfima parcela dos humanos e das atividades humanas. O resto estava submetido à anarquia, à ausência (RANCIÈRE, 2021, p. 9).

Antes, os que eram relegados às margens, eram vistos apenas como matéria, talvez para diversão, por isso às vezes estavam presentes nas comédias, mas não eram vistos como objetos propensos a produzir conhecimento nas grandes epopeias e tragédias. Somente na era da modernidade é que um novo perfil da racionalidade ficcional passa a se transformar, quando aqueles que pertenciam ao universo repetitivo, da simplicidade e da vivência sem muitas expectativas, tomam um lugar

importante no enredo. De acordo com Rancière, ainda nos tempos de Balzac e de Victor Hugo, a literatura passou a afirmar a “potência de história presente no cenário e na vida cotidiana” (RANCIÈRE, 2021, p. 11).

Verifica-se que, na contemporaneidade, Luiz Ruffato dá continuidade a esse processo através do “novo realismo”, técnica responsável por despertar nos autores o desejo de inovar a experiência estética visando tocar o seu receptor através da afetividade e da sensibilidade. Desde a publicação, em 2001, de *Eles eram muitos cavalos*, essa característica é bem visível nas obras ruffatianas: a narrativa composta por vários fragmentos demonstra as diversas faces da grande cidade de São Paulo, ao retratar um dia, 9 de maio de 2000, da vida de vários sujeitos, bêbados, prostitutas, pais, mães, mulheres, corruptos, desempregados; chegando até mesmo a destacar o ponto de vista de um cachorro em busca de seu dono. Já na epígrafe, retirada do livro *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, o autor explicita metaforicamente que a narrativa irá retratar a história dos sujeitos comuns, os “anônimos” da história: “Eles eram muitos cavalos, /mas ninguém sabe os seus nomes, / sua pelagem, sua origem...” (MEIRELES, apud RUFFATO, 2013, p. 7). Focaliza, então, os dramas banais do cotidiano, a marginalidade, a violência, situações muito próximas ao contexto de toda cidade.

Em *Inferno provisório*, pentalogia publicada de 2005 a 2011, Ruffato recria a história do proletariado brasileiro, que vivenciaram o processo de desenraizamento, diga-se de passagem, “a força”, desde 1950 até o início do século XXI, já que as mudanças sociais urbanas exigiam outras formas de levar a vida, obrigando-os a não ver outra solução a não ser ir para as grandes cidades. Seus personagens podem ser considerados como os “refugos” do êxodo rural, os quais, invisibilizados da história e até mesmo da literatura, são representados em suas vidas cotidianas simples, vivendo de seus pequenos salários e na busca por se adequar à nova realidade. E toda essa experiência deixou marcas profundas em suas identidades.

Nas suas publicações subsequentes, pode-se dizer que Ruffato continua a aprimorar seu estilo e expandir os cenários nos quais vivem os seus personagens. Em *Estive Lisboa e lembrei de você*, o autor traz a narrativa de Sergio de Souza Sampaio, que se deslocara de seu país de origem em busca de melhores condições de vida em Portugal, no entanto, depara-se com múltiplas dificuldades em relação ao novo espaço, que acaba marginalizando-o, visto que, após inúmeras tentativas de se adaptar, perde seu passaporte e sua única saída é aceitar sua condição de clandestino. Em *Flores artificiais*, o autor expande o espectro de análise. Seus personagens passam por inúmeras agruras na tentativa de encontrar o seu espaço e realizar-se, no entanto, são impossibilitados devido ao envolvimento em questões históricas, como ditaduras, perseguições, guerras; ou pela imposição de padrões, descontentamentos, etc.

A narrativa se constitui como “um livro dentro do livro” – Luiz Ruffato afirma, enquanto narrador-autor, ter recebido em sua casa um pacote com alguns cadernos de seu conterrâneo Dório Finetto, com registros de suas memórias de viagens, sob o título de “Viagens à terra alheia”. Finetto teria, então, decidido submetê-las ao escritor para que ele “pudesse aproveitar algum tema” ou “simplesmente jogar tudo no lixo” (RUFFATO, 2014, p.14). O narrador-autor afirma ainda ter compilado essa narrativa depois de selecionar e editar alguns dos manuscritos. O livro se divide nos seguintes capítulos ou partes: Apresentação; Carta de Dório Finetto; Viagens à terra alheia; e Memorial descritivo. O autor diz que tentou estender a coautoria para Dório, mas esse rechaçara o pedido, tornando-se apenas protagonista, pois não tinha a pretensão de ser um escritor.

A análise da narrativa nesse artigo está delimitada a três partes da obra, a saber: o capítulo da Apresentação, a carta de Dório Finetto, e o primeiro relato de Dório denominado “Uma história inverossímil”. As primeiras serão utilizadas para contextualizar os detalhes do processo de escrita dos cadernos até a

compilação de *Flores artificiais*, informações descritas no início da narrativa; mas o foco central será o relato, como já mencionado, pois nele, acompanhamos a trama de Robert Willian Clarke (Bobby), que conta suas memórias traumáticas para Dório, enfatizando que, mesmo depois de inúmeras tentativas de se reerguer e ir em busca da realização pessoal, acaba tornando-se um sujeito negligenciado e esquecido, sem ao menos conseguir efetivar laços afetivos ao longo de sua jornada. Assim, é um exemplo para ilustrar as considerações a respeito da escrita de Luiz Ruffato e seu posicionamento crítico em relação às conexões entre a história de migrantes, os desenraizados, os negligenciados e a História da modernidade.

3 DO DESENRAIZAMENTO À MARGINALIZAÇÃO: ANÁLISE DE “UMA HISTÓRIA INVEROSSÍMIL”

Em *Ficção Brasileira Contemporânea (2009)* Schøllhammer pontua algumas das principais nuances das narrativas publicadas desde o início do século XXI e verifica que a contemporaneidade “coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.14). A atualidade os impele a buscar novas maneiras para debruçar-se sobre as urgências da realidade em que estão imersos, pois, como contemporâneos, sentem certa dificuldade de capturá-la em sua totalidade; por isso, buscam investir nas inovações que irão incorporá-la esteticamente e situar a arte como uma força transformadora. A partir da análise de Tânia Pellegrini sobre as narrativas de Ruffato, pode-se visualizar que o escritor tem buscado adequar-se a essa demanda:

Escolheu uma forma literária que, num certo sentido, se contrapõe à forma do discurso hegemônico do progresso para todos, sem contradições, na medida em que estabelece uma espécie de

contradiscurso fragmentado, uma recusa deliberada da linearidade e da temporalidade cronológica, criando frestas e fissuras, estilhaçando o antigo modelo de espelho realista. Ali o leitor procura se mover, andando em círculos, espiando, recolhendo cacos, refugos, indícios, em busca de personagens que se perdem na vida e no relato (PELEGRINI, 2020, p. 2).

Ruffato trabalha então com a fragmentação, a ambiguidade, a polifonia, dentre outras ferramentas, para dar forma àquilo que busca discutir: o contexto contemporâneo, as mudanças sociais na era da globalização. Pode-se perceber a construção híbrida desde o início de *Flores artificiais* e, especificamente, nas micronarrativas. Primeiramente, o autor sobrepõe as vozes narrativas (de Dório para Ruffato, e de Ruffato para o leitor) e realiza uma intersecção com o real, criando fissuras nas fronteiras da ficção. Dessa forma, para chegar à análise de “Uma história inverossímil”, é preciso verificar como ele expõe o percurso da escrita. O escritor o faz por meio do recurso da ficcionalização do autor, ou seja, Luiz Ruffato (autor-narrador) narra como surgiu o livro, causando um efeito de “presença” como uma técnica de ruptura das formas meramente descritivas da realidade. Assim inicia a obra:

Em 2007 lancei um livro *De mim já nem se lembra* [...] Dois anos depois publiquei *Estive em Lisboa e lembrei de você* [...] A divulgação dos dois títulos, nos quais mais que criador, atuo como organizador e editor, levou várias pessoas a me procurar com histórias [...] como nunca pretendi tornar-me coadjuvante de textos alheios, recusei as doações. No entanto em 2010 recebi uma correspondência [...] A carta, que reproduzo à frente, expunha, de maneira sucinta o desejo do remetente Dório Finetto, de me submeter suas ‘memórias’ (RUFFATO, 2014, p. 9; grifos do autor).

Tal aspecto tenta enfatizar ou mesmo criar certa sensação de que tudo o que está sendo narrado tem total adequação ao vivido, ou seja, é “fiel” à realidade de Luiz Ruffato empírico, que publicou de fato as obras mencionadas no início do trecho. Esse aspecto confere certa legitimidade ao que diz posteriormente, que recebeu as cartas de Dório Finetto em sua casa e que o seu papel foi somente de editá-las, já que “portavam um distúrbio irremediável, o

tom excessivamente relatorial” (RUFFATO, 2014, p. 10). No capítulo “Carta de Dório Finetto”, subentende-se que o que está reproduzido é a suposta carta original que Dório teria encaminhado com o pacote de seus textos, para explicar porque os escreveu; nela, também afirma possuir certos laços familiares com o autor, pois também faz parte de uma família de imigrantes italianos que residem em Rodeio (MG). Por conseguinte, o leitor compreende que Luiz Ruffato (ficcionalizado) e Dório Finetto (personagem ficcional) possuem um elo autoral e supostamente familiar.

“Viagens à terra alheia”, segundo e principal capítulo, constitui-se dos relatos de experiência de Finetto enquanto viajava para vários lugares do mundo como consultor do Banco Mundial. O leitor pode se perguntar: “O livro é uma ficção?”, e a resposta beira a ambiguidade, é e não é, mais precisamente, é um texto de ficção que se apropria da experiência de vida. Pode não vir diretamente da real vivência desse personagem, embora queira que o leitor assim o pense, mas um relato motivado pela experiência de uma geração, haja vista que Dório transita entre vários lugares e conhece diversos indivíduos, os quais retomam acontecimentos marcantes referentes ao século XX e descreve as transformações de suas identidades. Dessa forma, é possível concordar com as seguintes considerações de Schøllhammer (2009):

A propensão de autoencenação autoral, a inclusão de referências e pistas autobiográficas podem, nesse sentido, ser lidas não apenas como sintoma de espetacularização da figura do autor e das condições de produção do livro, mas como ‘dispositivo de exibição de fragmentos do mundo’ (SCHØLLHAMMER, 2009, p.111).

Em “Uma história inverossímil”, o narrador traz muitos fragmentos pautados em aspectos do real. Dório narra um pouco sobre sua juventude em Juiz de Fora, no entanto, como já mencionado, transfere o ponto de vista para seu amigo, Robert William Clarke (apelidado de Bobby), um exterminador de ratos que conheceu numa fila de restaurante, à meia-noite, à espera de uma sopa servida após o experiente de trabalho. Os diálogos que estabeleceu com

ele, durante dois anos, permitiram que Dório o conhecesse a tal ponto que ele se propõe a escrever uma “quase biografia” de Bobby, que nasceu em Southampton, sudeste da Inglaterra, mas logo começou o seu processo de deslocamento, levando-o a se tornar um sujeito desenraizado e, ao final de seus dias, sobreviver da seguinte forma: como exterminador de ratos, solitário, vivendo em um hotel, como descrito no trecho:

Arrastava, para cima e para baixo, uma maleta cheia de veneno para exterminar ratos, que distribuía em botequins, bares e lanchonetes de Juiz de Fora. A pequena clientela garantia seu sustento e o pagamento do aluguel do quarto minúsculo num hotel de quinta categoria na rua Henrique Vaz, zona de prostituição da cidade, onde manipulava perigosos produtos químicos em baldes de plástico coloridos (RUFFATO, 2014, p.24).

Bobby veio para o Brasil durante a infância, quando a família se mudou para o país, pois seu pai aceitara um convite para trabalhar como engenheiro ferroviário na empresa São Paulo Railway. Nesse percurso, sua mãe ficou muito doente, exatamente por não se ambientar ao Brasil, aos poucos se deixou levar pela tristeza e desespero, e mesmo ao retornar à Inglaterra precisou ser internada em um manicômio, uma vez que o terror da Segunda Guerra Mundial a abalou ainda mais. O seu pai, após o fim da guerra, em 1947, também foi embora. Dório descreve que Bobby cursou Engenharia Química, mas nessa fase aproveitou para realizar todas as possíveis “aventuras” da juventude, desvinculando-se de sua família. Por isso, pode-se dizer que, desde criança, mesmo que indiretamente, o personagem foi afetado pelos processos históricos, sobretudo da industrialização e da guerra. Em sua orfandade passou a juventude um pouco perdido, embora tivesse apoio financeiro, suas relações afetivas foram abaladas.

Tais consequências dialogam com o que Oliveira (2019, p. 366) afirma: “essa mesma modernidade que permite [...] deslocarem intensamente entre regiões, países, línguas, por outro lado, é contraposta à clausura experimentada pelas vítimas da barbárie”. O desenvolvimento do personagem nessa trilha de

deslocamentos fica totalmente comprometido nesse sentido, tornando-se um indivíduo fadigado, que gradualmente se afunda na solidão, por não encontrar o seu lugar de pertencimento.

No dia seguinte à festa de formatura, Bobby se deu conta, estarecido, de que precisaria, dali para frente fazer alguma coisa, ser alguém, ter alguma utilidade. Sentiu-se só, incapaz de cumprir um papel na sociedade, construir família, filiar-se a algum clube (RUFFATO, 2014, p. 27).

Pertencer a um local, a um grupo, a uma coletividade é uma necessidade de todos, isso está associado à própria ideia de sobrevivência. Torna-se um meio para desenvolver o autoconhecimento e as percepções de mundo; ao conhecer e reconhecer-se dentro de determinado grupo, permite que se fortaleça a noção de identidade. Clarice Lispector, em sua crônica “Pertencer”, discorre a respeito desse sentimento crucial no ser humano:

Sou pobre. Sou, sim. Muito pobre. Só tenho um corpo e uma alma. E preciso mais que isso. Com o tempo, sobretudo nos últimos anos, perdi o jeito de ser gente [...] E uma espécie toda nova de ‘solidão de não pertencer’ começou a me invadir como heras num muro [...] Pertencer não vem apenas se der fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem de mim, de minha própria força – quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa [...] [LISPECTOR, 1999, p. 110 -112].

De acordo com o relato, em várias ocasiões Bobby sentiu que precisava pertencer a algo, realizar alguma coisa para enfim contemplar o que é viver e sentir-se útil, no entanto, suas tentativas sempre resultavam ao fracasso. Nem mesmo quando procurou reconectar-se com seus familiares teve sucesso, pois a mãe estava em estado deplorável, os avós jaziam em um pequeno cemitério em Hemington, e do pai não obteve nenhuma notícia desde a sua partida. A sobrecarga emocional muitas vezes o estimulou a tirar a vida com suas próprias mãos, “pensou em se matar numa manhã de domingo em que a primavera parecia provocá-lo em tanta beleza” (RUFFATO, 2014, p. 29).

Em sua jornada, foi convocado a fazer parte do Exército Britânico, em 1953, para lutar durante a revolta dos Mau Mau, no Quênia. O seu pelotão era o responsável por exterminar todos os feridos durante as batalhas, sem piedade, no primeiro momento matou os homens feridos, logo depois, as mulheres e as crianças. Também incendiou várias aldeias, com isso, paulatinamente, seu caráter humano foi se petrificando, sua empatia se transformou em apatia. Mesmo desmobilizado, o envolvimento com as revoltas não parou, largou tudo para fazer parte de um grupo de mercenários, apoiados por mineradoras belgas, que formavam um grupo de secessão contra o governo central da recém-independente República do Congo.

A sequência de traumas vivenciados por Bobby possibilita ao leitor reconhecer as catástrofes que marcam o lado perverso da história, que causam o esfacelamento identitário do sujeito. Milton Santos, em *Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal* (2001), discorre sobre a percepção de que vivemos em um mundo confuso e desconexo, por isso, segundo ele, a ideia de globalização pode ser desmembrada em três mundos: a globalização como fábula; a globalização como perversidade; e uma outra globalização.

A primeira diz respeito ao mundo criado tal como nos fazem enxergar, “um mundo de fabulações, [em] que se aproveita o alargamento de todos os contextos [...] para consagrar um discurso único” (SANTOS, 2001, p. 18), ou seja, um mundo criado a partir da repetição e disseminação de inúmeras ideias que procuram fazer crer que toda informação e possibilidades de realização são alcançadas de forma simétrica por toda a população. Tal perspectiva se contrapõe à globalização perversa, a qual se impõe de maneira tenebrosa na vida dos indivíduos, nas massas de imigrantes, vítimas de guerras e perseguições que se defrontam com o desemprego, com a falta de oportunidades educacionais, baixos salários, etc. Segundo o autor, “a perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade

tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas” (SANTOS, 2001, p. 20).

A competição engendra todo tipo de disputa, por isso, a ideia de modernidade como a fase em que o mundo está ao alcance *de todos se torna* fabulosa. A maioria dos conflitos advém de interesses pessoais, dessa forma, ocasionam inúmeras fissuras naqueles que precisam dispor suas vidas para colocar-se a serviço dos interesses ideológicos e políticos dos que detém o poder, tal como é possível perceber a partir das experiências de Bobby.

Santos (2001) pontua que, mesmo diante de todos esses cenários, pode-se pensar em “uma outra globalização” mais humanizada, que advém, considerando certas análises teóricas e empíricas, de fenômenos surgidos desde o final do século XX, tal como descreve no trecho:

O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes [...] graças ao progresso da informação, a ‘mistura’ de filosofias, em detrimento do racionalismo europeu. [...] trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa [...] Junte-se a esses fatores a emergência de uma cultura popular que serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança (SANTOS, 2001. p. 21).

A constatação soa de forma positiva para as novas gerações, no entanto, a jornada do personagem representa os muitos indivíduos que não terão a possibilidade de viver essa outra globalização. O que lhes resta é servir de inspiração para os novos escritores/historiadores, com intuito de se retomar os indícios de memória e remexer nas lacunas do esquecimento, local onde estão a maioria dos sobreviventes que carregam consigo o peso traumático do sofrimento desencadeado pelos conflitos do século XX. Naquele contexto, Bobby tinha consciência de que nunca iria se adequar, pois, para criar vínculos, sentia que precisaria esconder o seu passado, conseqüentemente, tentar anular parte de sua história pelo medo de ser rejeitado. Mesmo diante do seu pior momento

no hospital, enfrentando uma enfermidade, não conseguia se abrir por completo:

Sentiu-se impelido a fazer revelações: a infância no Brasil, o regresso para Southampton durante a guerra, os estudos em Londres, a estada no Quênia como tenente do Exército britânico, *sem explicar a verdadeira incumbência de seu pelotão, e omitindo o engajamento como mercenário* no Congo Belga, pois temia que o médico, simpático às ideias nacionalistas, e os religiosos, por razões morais, pretendessem de alguma forma julgá-lo e condená-lo (RUFFATO, 2014, p. 32; grifos meus).

No único momento em que se abriu, de fato, mudou os rumos de sua jornada de forma negativa. Ao se recuperar, saiu da Inglaterra e retornou ao Brasil, onde se apaixonou por uma moça chamada Marianne. iam se casar, estavam apaixonados, e Bobby finalmente pensou que conseguiria viver uma vida convencional, no entanto, quando decidiu contar a sua história de vida, ela o abandonou. Seu envolvimento com guerras e traumas era um impedimento para que conseguisse estabelecer vínculos, sempre que tentava algo novo, fracassava, e aos poucos sua atitude foi a de se entregar a vícios.

Vivia como se aguardasse a qualquer momento o relógio que pendulava no peito parar. E, se não ansiava por isso, enfrentava a ideia com desassombro. [...] Deitava bêbado e acordava embriagado, insensível se a manhã se apresentava com sol ou nublada (...) (RUFFATO, 2014, p. 39).

Outra consequência que se pode perceber em seu comportamento é a tendência à violência. Tornou-se um homem impaciente e violento, sua identidade ficou em ruínas, seu temperamento se transformou. Depois do abandono, tentou pela última vez um recomeço com o propósito de conectar-se a alguém, e foi então que conheceu Alcina. O relacionamento se iniciou tranquilamente, mas por ter dificuldades em desenvolver a afetividade, Bobby acabou deixando o ciúme tomar conta de suas atitudes.

Abalado, pouco a pouco voltou à antiga rotina de constante embriaguez, e, engasgado com a bÍlis do ciúme, agarrava com força o braço da mulher e interrogava-a, queria saber por que tanto ia a

cidade, por que usava tal vestido, por que cantarolava músicas românticas ouvindo programas de rádio, importunando-a com xingamentos, descomposturas e insultos. Alcina resistia nas sombras, em silêncio, e, desgovernado, Bobby arriava nela pontapés, tapas, socos, murros, pescoções (RUFFATO, 2014, p. 43).

A partir disso, o narrador onisciente demonstra a vida precária que Bobby levava, embora tentasse progredir, a sua personalidade, aliada aos seus medos e traumas, sempre interferiam em sua jornada. A construção dá conta de encadear os anos mais marcantes de sua vida, para assim explicar a sequência de efeitos que as vivências conflituosas causaram em sua existência. Suas experiências, para muitos, são consideradas “inverossímeis”, pelo desconhecimento ou pelo esquecimento, por isso a narrativa é a maneira pela qual o escritor mobiliza o não-esquecimento. Nesse caso, a memória de Dório remete à reflexão a respeito desse personagem que matou muitos durante a guerra, mas que, simultaneamente, também foi morto, pois, impedido de progredir, foi se tornando um solitário.

Tais traumas representam o sofrimento de muitas gerações que, direta ou indiretamente, foram atingidos pela parte obscura do progresso. Ao invés de garantias promissoras, o resultado das mudanças para alguns foi a barbárie e a catástrofe. Bobby acabou como mais temia, “(...) enterrado numa cova rasa em Juiz de Fora. Creio ter havido uma cruz no sepulcro, estampando seu nome, que com o tempo apodreceu” (RUFFATO, 2014, p. 46). Essa metáfora, sobre ter um lugar para ser enterrado, significa que o correto, para muitos, seria que todos fossem enterrados no lugar onde criou laços e raízes, questão de tradição, no entanto, Bobby faz parte do jardim de “flores artificiais”, que não possuem raízes, vivendo sempre deslocado, o que o leva à ruína.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Luiz Ruffato, desde suas primeiras publicações, tem se preocupado em trazer para o centro das suas narrativas sujeitos que, de maneira simbólica, vivenciam momentos triviais em suas jornadas e representam as tragédias e infortúnios daqueles que não conseguem ver seus sonhos realizados, buscando, no dia-dia, adequá-los a outros que seriam mais “reais”, ou seja, que contemplam o momento em que estão vivendo. Os sujeitos comuns, sem uma “importância” histórica específica, mas que viveram duras agruras, refletem o desconcerto identitário diante do sentimento de não pertencimento, da falta de alteridade e questões mal resolvidas com o passado, resultados das camadas obscuras da globalização.

O autor construiu um percurso narrativo que interliga realidade e ficção. Porém, mesmo com a diluição das fronteiras entre o real e o ficcional, tudo faz parte do jogo do “como se”, ou seja, os procedimentos narrativos utilizados brincam com o leitor sobre a possibilidade ou não de ter acontecido os eventos que inspiraram a criação da narrativa. A construção da intriga em “Uma história inverossímil” retoma o possível espaço-tempo em que aconteceu o encontro entre Bobby e Dório. Há muitos indícios de referencialidade ao se mencionar a cidade de Juiz de fora, local de encontro entre os dois personagens, depois a configuração do tempo vai mais longe, para o século XX e suas implicações.

O escritor remete aos acontecimentos históricos não de maneira direta, mas para chegar a esse ponto, elabora uma narrativa feita de camadas, desde Dório até Ruffato, e de Ruffato até o leitor. Essa sobreposição de vozes narrativas se constitui como uma metáfora, de que o tempo só se torna acessível a partir do momento em que os sujeitos passam a construir suas narrativas para compreender a si mesmos e ao mundo.

A proposta desse manuscrito vai ao encontro do “novo realismo” conceituado por Schøllhammer (2009), que busca discutir as questões sociais

que perpassam o mundo por meio de personagens comuns e de uma forma diferente do realismo do século XIX. Em “Uma história inverossímil”, o narrador onisciente realiza uma espécie de jogo envolvendo a veracidade ou não dos acontecimentos narrados, distanciando-se da “objetividade e verossimilhança” praticados anteriormente, e tomando as referências em sua materialidade. Também a caracterização do personagem Bobby quer suscitar certo “efeito afetivo”, ou seja, mobilizar o olhar do leitor para esse sujeito que, embora tenha sido ativo na guerra, matando vários indivíduos, ele foi também vítima, nunca conseguiu nada na vida.

Finalmente, o registro desse trauma por meio da narrativa não busca discutir o que foi o século XX diretamente, o seu contexto político-cultural, mas os seus efeitos a longo prazo na vida dos sujeitos. E sendo Luiz Ruffato e Dório Finetto indivíduos que viveram outras experiências, estão impossibilitados de narrar o que foi a guerra e o trauma diretamente, dessa forma, eles criam um elo para testemunhar os acontecimentos que ouviram e narram ao leitor, que irá acolher os relatos e dar lhes significado próprio.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich, *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 257-269.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

OLIVEIRA, Paulo Cesar Silva de. Errantes, diferentes, desiguais: em torno de Os emigrantes, de WG Sebald. *Soletras*, n. 38, p. 363-388, 2019.

Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/43215> Acessado em 02/08/2022.

LISPECTOR, Clarice. Pertencer. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 110-111.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por que estudar as narrativas. In: *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013, p.27-62.

PELLEGRINI, Tânia. A refração do realismo em Luiz Ruffato: um inferno permanente. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 01-14, 2020.

Disponível: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/jmkShR5XBzSLzSSRKhxhTFw/abstract/?lang=pt> Acessado em 04/08/2022.

RANCIÈRE, Jacques. *As margens da ficção*. São Paulo: Editora 34, 2021.

RUFFATO, Luiz. Até aqui tudo bem. *Editora olho de vidro*, 2018. Disponível: <https://edicoesolhodevidro.com.br/ate-aqui-tudo-bem/> Acessado em 01/08/2022.

RUFFATO, Luiz. Luiz Ruffato mescla realidade e ficção em seu novo livro. [Entrevista concedida a] Ubiratan Brasil. São Paulo: *O Estado de S. Paulo*. 14 de jun. 2014.

RUFFATO, Luiz. *Flores artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RUFFATO, Luiz. *Inferno provisório*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.=

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Um mundo de papel–reflexões sobre o realismo de Luiz Ruffato. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 18, p. 232-242, 2016. Disponível: <https://www.scielo.br/j/alea/a/CPhSpTpttVkgGy439s9qLXt/abstract/?lang=pt> Acessado em 02/08/2022.

Recebido em 14/09/2022.

Aceito em 02/02/2023.